

# JOSÉ VERÍSSIMO E O PROJETO DE EDUCAÇÃO NACIONAL SOBRE A INFLUÊNCIA DO HIGIENISMO

Marlucy do Socorro Aragão de Sousa\*

\* Universidade Federal do Pará, Brasil. E-mail: marlucysousa@yahoo.com.br

Recibido: 20 octubre 2014 / Revisado: 3 marzo 2015 / Aceptado: 12 mayo 2015 / Publicado: 15 febrero 2016

**Resumo:** O presente estudo versa sobre as ideias higienistas de educação propostas por José Veríssimo em sua obra Educação Nacional. Abordaremos questões sobre a concepção de higienismo e sua relação com os projetos de Educação Nacional no final do século XIX e início do século XX, que objetivavam uma modificação do comportamento da população brasileira. Questionamos: como as ideias higienistas estão representadas no pensamento educacional de José Veríssimo? Veríssimo viveu num contexto sociopolítico da segunda metade do século XIX, compôs um conjunto de intelectuais brasileiros, que inseridos numa conjuntura de passagem da Monarquia para a República, se empenharam numa construção teórica, política e ideológica pautada no ideário da modernização do país.

**Palavras-chave:** José Veríssimo, Educação Nacional, Higienismo.

**Abstract:** This study is about hygienist's ideas of education proposed by José Veríssimo in his book National Education. We discuss issues on the conception of hygienist and its relation to the projects of National Education in the late nineteenth century and early twentieth century, which proposed a modification of the Brazilian population behaviour. We question: how hygienist's ideas are represented in the educational thought of José Veríssimo? Veríssimo lived in a socio-political context of the second half of the nineteenth century, he composed a

set of Brazilian intellectuals who inserted from passing juncture to the Republic, engaged in a theoretical construction, political and ideological guide the ideals of the country's modernization.

**Keywords:** José Veríssimo, Education, Hygienist.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

O presente estudo discorre sobre as ideias higienistas de educação propostas por José Veríssimo em sua obra Educação Nacional. Utilizou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica acerca da temática abordando questões importantes para o entendimento do movimento higienista no Brasil, seu contexto histórico e as propostas de intervenção no sistema educacional.

Junto com a instauração da República no Brasil, a educação figura como elemento imprescindível a preparação do indivíduo para as transformações advindas da reorganização sociocultural impulsionada pela instauração do novo regime, e inserção no mundo moderno. Nesse contexto fortemente influenciado pelos avanços científico, ser moderno e/ou civilizado era compreender a ciência, e Nação era aquela que dentre

<sup>1</sup> Este texto é parte de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação/ UFPA no período de fevereiro de 2012 a junho de 2014.

outros fatores se organizava (social, educacional e culturalmente) nos conhecimentos provenientes pela ciência.

Neste cenário, lançamos como questão orientadora deste estudo: como as ideias higienistas estão representadas no pensamento educacional de José Veríssimo?

Para tecer a relação analítica expressa na problemática proposta, entende-se a necessidade de conhecer primeiramente as bases do pensamento educacional de Veríssimo, logo busca-se identificar na obra “A Educação Nacional” a proposta educacional construída por José Veríssimo sobre o higienismo.

A partir dos elementos expostos, a sistematização do estudo ocorrerá em quatro seções: na primeira apresentamos as propostas sobre a Educação Nacional, destacando a Vida e Obra de José Veríssimo, na segunda um breve contexto sobre o movimento higienista no Brasil; já a terceira sessão é construída a partir da análise do IV capítulo da obra que trata da Educação Física, tendo como destaque “a regeneração do corpo”; a quarta e última sessão apresenta algumas considerações finais sobre a temática.

## 1. AS PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO NACIONAL EM JOSÉ VERÍSSIMO

Após o processo de independência dos países latinos da condição de colônias, a educação figura como um elemento primordial para a construção das emergentes Repúblicas latino-americanas. Neste momento histórico de passagem para o “mundo moderno” se fazia urgente tanto a organização política dos países latinos quanto a formação de cidadãos aptos ao novo regime político, logourgia a necessidade de extensão da instrução a todas as classes sociais. A construção de uma ordem civilizada constituiu-se em um sonho dos homens da ciência médica e de diferentes intelectuais do Brasil do século XIX. Homens com olhos e ouvidos voltados para um mundo considerado civilizado, recusavam-se a aceitar a vida e parte das condições do país em que viviam, no qual muitos haviam nascido e se formado.

Neste cenário, não por acaso, é que surgiu um grande número de intelectuais colocando na pauta das discussões temas variados no sentido

de construir um discurso que embasasse as mudanças necessárias para formar um país moderno e civilizado aos moldes dos países europeus, as referências para os países latino americanos, entre eles o Brasil.

Eis que surge a importante figura de José Veríssimo Dias de Matos, que nasceu em Óbidos no Pará em 1857, estudou no Rio de Janeiro, onde voltou a morar até seu falecimento em 1916. Desenvolveu boa parte de suas atividades em Belém, onde fundou e dirigiu o Colégio Americano (1883-1890), foi diretor da instrução pública neste mesmo ano e produziu uma série de atividades ligadas a produção de textos para revistas e jornais locais. Sem dúvida teve um papel destacado não só na educação paraense, onde ocupou cargos públicos, como em outras atividades, como escritor e crítico literário, embora não sejam estas, o nosso objeto neste artigo.

Veríssimo viveu num contexto sociopolítico da segunda metade do século XIX, momento em que grande parte das produções intelectuais eram marcadas pela intenção de entender o Brasil por meio de ideias europeias. Neste sentido, Veríssimo foi um intelectual nortista que compôs um conjunto de intelectuais brasileiros, que inseridos numa conjuntura de passagem da Monarquia para a República, se empenharam numa construção teórica, política e ideológica pautada no ideário da modernização do país, construído por meio da mescla entre o positivismo, o nacionalismo, cientificismo e republicanismo.

Nesses escritos apresentará como referências os escritos positivistas de Comte<sup>2</sup>, Spencer<sup>3</sup> e

<sup>2</sup> Auguste Comte (1798-1857) foi um filósofo francês. Criou a corrente de pensamento chamada “Positivismo”. Sua ideia central de reorganizar a sociedade deve ser entendida no momento pós-revolução francesa, que Comte afirmava ser uma anarquia das ideias. Tomando por base a ciência, o positivismo vinha como uma maneira de reorganizar a sociedade. Representa e expressa às contradições do seu tempo, buscando explicá-las à luz de seu pensamento, o positivismo.

<sup>3</sup> Herbert Spencer (1820-1903) foi um filósofo evolucionista inglês que se apropriou em seus trabalhos das mesmas ideias de Charles Darwin sobre a seleção natural. Em linhas gerais, parte do princípio de que o desenvolvimento social é fruto de uma evolu-

Stuart Mill<sup>4</sup>, como, aliás, a maior parte da intelectualidade brasileira, naqueles que não eram literários evidentemente, isto poderá ser observado mais adiante quando analisarmos as obras sobre a educação.

Segundo Veríssimo nota-se na América Latina, ou mais ainda na América espanhola, um movimento de opinião favorável a um mais consciente e expressivo sentimento de raça e de nacionalidade, a uma afirmação do eu étnico e pátrio. A educação, nesse período, era vista como um meio essencial para a reforma e modernização da sociedade brasileira, a construção da Identidade Nacional, bem como da formação de cidadãos aptos a atuarem ativamente no regime político Republicano. É alinhado a esta perspectiva que José Veríssimo constrói a obra *Educação Nacional*.

Foi na passagem da Monarquia para a República, em clima de euforia e, ao mesmo tempo, de desilusão com a implantação do novo sistema de governo, que Veríssimo escreve *A Educação Nacional*<sup>5</sup>. Elaborada a partir de uma crítica devastadora ao sistema educativo de então, essa obra vinha propor explicitamente uma contribuição às mudanças que deveriam surgir com o regime republicano. A primeira edição foi publicada no Pará, em 1890, logo após a proclamação da República e a implementação da reforma na área educacional, levada à frente por Benjamin Constant, então ministro da nova Pasta da Instrução pública. A segunda edição foi publicada no Rio de Janeiro, em 1906, pela li-

---

ção natural, que pressupõe uma adaptação cada vez maior do indivíduo ao ambiente social. Deste modo, o alcance da civilização depende de adaptações referentes à aquisição de hábitos e comportamentos apropriados à luta pela sobrevivência.

<sup>4</sup> John Stuart Mill (1806-1873) foi um filósofo e economista inglês, um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX. É influenciado decisivamente pelo pensamento liberal, eis que nos seus últimos escritos mostra certa simpatia pelas teorias socialistas. reinventam um socialismo democrático que esteve na origem do trabalhismo britânico, influenciando o programa de 1918, Labour and Social Order, esboçado por Sidney Webb. Informações disponíveis em: <http://maltez.info/biografia/millpdf>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

<sup>5</sup> Veríssimo, José, *A educação nacional*. (3 ed.). Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

vraria Francisco Alves. Esta obra contou ainda com uma terceira edição em 1985, data da implantação da Nova República, o que vem demonstrar a importância e a atualidade das questões nela tratadas. Esta terceira edição conta com o prefácio do crítico literário João Alexandre Barbosa.

A obra de Veríssimo, na edição de 1890, contou com sete capítulos: "A Educação Nacional"; "As Características Brasileiras"; "A Educação do Carater"; "A Educação Physica"; "A Geografia Patria e a Educação Nacional"; "A História Patria e a Educação Nacional" e "O Brazil e os Estados Unidos".

No primeiro capítulo, Veríssimo apresenta e aprofunda a situação dos três ramos, primário, secundário e superior, da educação nacional no Brasil, para demonstrar a total falta de preocupação com o conhecimento do país e a ausência, sobretudo, da educação cívica e patriótica. No segundo capítulo, o autor conclui que as características dominantes do caráter brasileiro estavam sustentadas pela indiferença, pelo desânimo, pela passividade e pela fraqueza com as coisas nacionais. Buscando com bater o que deprimia em nosso caráter e produzir ao mesmo tempo, as qualidades contrárias, Veríssimo desenvolve o terceiro capítulo, destacando a importância da educação do caráter brasileiro como a forma mais elevada de educação nacional, elemento indispensável para os mais altos interesses de constituição da pátria brasileira. No quarto capítulo, Veríssimo defende a introdução da educação física no sistema geral de ensino brasileiro, como uma das maneiras de fortalecimento das características físicas da nação. No quinto e sexto capítulos, o autor discorre sobre o estado em que se encontrava o ensino de Geografia e de História no Brasil e defende a necessidade de modernização desses campos de saber, uma vez que eram fundamentais para o conhecimento da história e da geografia brasileiras. Por fim, no último capítulo, o autor procura nos Estados Unidos o que de melhor pudessem apresentar como modelo de construção do sentimento e unidade nacionais.

Para ele, à educação cumpria a tarefa de regenerar o povo não só no temperamento, princípios e costumes novos, mas também ser capaz de gerar o que o Estado enfraquecido não conseguia, "um espírito novo, o espírito nacional",

um sentimento nacional que faça da pátria “não só objeto do nosso amor, mas fonte do nosso orgulho”<sup>6</sup>. Além disso, a educação nacional, “pedra angular da grande república” e do capitalismo industrial nascente, deveria também educar os cidadãos para o trabalho, retirando deles o “pendor para a indolência”.

Deve-se considerar que na concepção deste intelectual, superar o processo de degeneração do povo brasileiro significava mais educação, mas uma educação voltada para a nação, tendo em vista que “toda a instrução cujo fim não for a educação primando tudo, a educação nacional perde por esse simples fato, toda a eficácia para o progresso, para a civilização e para a grandeza de um povo”<sup>7</sup>.

Destaca-se que a perspectiva de progresso e civilização que compõem a análise social que constrói a concepção de educação de Veríssimo está atrelada a teoria de evolução social, construída por Herbert Spencer, que de modo geral defende o desenvolvimento social do país como fruto da evolução natural, e que depende da adaptação cada vez maior do indivíduo ao ambiente social. Logo, a adaptação dependeria do surgimento de hábitos e comportamentos apropriados ao homem civilizado, esclarecendo o cidadão brasileiro.

Importante destacar que a disciplina, como elemento da construção moral e intelectual do mestiço, reflete também a intervenção no corpo, para que este seja forte, sadio e, portanto, forme o homem para a vida completa, como membro da família, da pátria e da humanidade. Para tanto, Veríssimo sugere a inclusão da ginástica e da higiene em todos os níveis de instrução. Este processo de intervenção do corpo proposto pelo autor está ligado à difusão de teorias higienistas, que difundiram o disciplinamento do corpo por meio de práticas de higiene e exercícios físicos. Nesse sentido, diz ainda que:

“Sendo o caráter o conjunto das qualidades morais, a educação do caráter não é senão o desenvolvimento do que, na pedagogia prática, chamamos cultura moral ou, se quisermos, não é senão a generalização desta for-

ma de educação escolar. A educação do caráter, entretanto, é, principalmente, fora da escola que se faz. Concorrem para ela não só a educação moral ali recebida em forma de preceitos, de regras, de exemplos, de conselhos, de comentários morais de fatos da vida escolar ou da mesma história, como a Educação física, que enrija o corpo e solidifica a saúde, garantindo o moral de enervamentos, debilidades e nervosismos; a educação doméstica, por ventura o mais poderoso agente da cultura moral e, finalmente, o meio, isto é, o complexo de forças físicas e morais que sobre nós atuam: a sociedade, a leitura, as festas, a religião, a arte, a literatura, a ciência, o trabalho”<sup>8</sup>.

*A Educação Nacional*, ao propor um novo programa para a educação brasileira, passou a ser uma referência importante no projeto de construção do Brasil-Nação. Nessa obra, a filosofia da educação, a pedagogia e a própria experiência do autor possibilitaram a formação de uma rede importante de conceitos, propostas e objetivos fundamentais, não apenas para o setor educacional em geral, mas, sobretudo, para a utilização da educação como fator de construção e renovação nacional. Tinha a intenção de denunciar a falta absoluta da educação nacional e apresentar uma saída para o país.

Tais ideias são evidentes principalmente na construção que realiza acerca da degeneração da raça mestiça (teoria de raça), na proposta de incorporação da disciplina ginástica e higiene, como componente curricular (Higienismo), e na crença da evolução da sociedade brasileira, visto que esta devia ser formada para adaptar-se à configuração de nação (evolucionismo social).

## 2. AS PROPOSTAS HIGIENISTAS NO BRASIL

O movimento higienista pode ser caracterizado como um dos mais ambiciosos projetos de intervenção social que conheceu a modernidade ocidental. Pretendendo mais que definir novos padrões de saúde, tinha na educação de novas formas de sensibilidade uma das suas principais motivações. O higienismo acompanhava o recente desenvolvimento urbano da sociedade, visando uma mudança nos hábitos que, aos

<sup>6</sup> Ibid., 51

<sup>7</sup> Ibid., 53.

<sup>8</sup> Ibid., 73.

olhos dos estrangeiros, não tinham muita preocupação com os cuidados sanitários, o zelo na vestimenta, nem atenção à preservação de um espaço íntimo familiar.

Na abordagem dos processos históricos, chegamos ao Brasil do final do século XIX e início do século XX, tal período foi determinante na construção do projeto de nação que se estabeleceria, com base no pensamento eugênico<sup>9</sup>, no qual a antropologia física teve papel importante na produção do discurso da inferioridade das raças, num país que vivenciara os ares republicanos de mãos dadas à oligarquia escravocrata. Num debate acirrado entre as ciências, inaugurou-se também um pensamento social brasileiro que moldou os discursos em torno da democracia racial, mas que mascarava a exclusão dos que sustentavam a base econômica, produtiva e cultural do Brasil. Para Stepan,

“O eventual entusiasmo pela eugenia manifestado por cientistas, médicos, juristas e higienistas mentais tem de ser visto como o apogeu de um longo processo de transformação intelectual e social que se desenvolveu ao longo do século XIX no qual a vida humana foi cada vez mais entendida como resultado de leis biológicas”<sup>10</sup>.

O eugenismo influenciou decisivamente os rumos tomados pelas práticas de higiene e educação sanitária até meados dos anos 40. Para os higienistas sociais, interessava a possibilidade, apontada pelo eugenismo, de utilização de todos os conhecimentos no sentido de melhorar física, mental e racialmente as futuras gerações brasileiras. Acreditavam que a solução para as misérias da sociedade estava no domínio da seleção natural e, mais ainda, que as causas das misérias sociais estavam no fato de o homem não tomar sob suas rédeas o controle científico daquilo que é feito pela natureza.

No Brasil dessa época, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, a incipiente industrialização, a nova feição das cidades, o aumento do comércio internacional, as corren-

tes imigratórias e, principalmente, a presença de contingentes populacionais “livres” concentrados no espaço urbano deram nova complexidade à estrutura social do país. Aos dirigentes republicanos interessavam o desenvolvimento de um projeto de controle higiênico dos portos, a proteção da sanidade da força de trabalho e o encaminhamento de uma política demográfico-sanitária que contemplasse a questão racial.

A partir do último quarto do século XIX e, principalmente, nas três primeiras décadas do século XX é que se viu uma verdadeira cruzada higiênica que mobilizou médicos, educadores, engenheiros e todos aqueles ligados de alguma maneira à causa da instrução pública. O médico higienista era especializado em saúde pública e administração sanitária, não só era responsável por prescrever condutas higiênicas, era também considerado um educador. Os higienistas foram polêmicos, opositores e criaram propostas antagônicas e debates sobre a modernização.

No Brasil por volta do final do século XIX, as classes ditas perigosas, constituídas pelas populações mais pobres, apresentavam perigo social devido aos problemas que ofereciam à organização do trabalho, a manutenção da ordem pública e perigo de contágio. O Rio de Janeiro foi um dos locais mais impactados com as políticas de natureza higienistas e sanitaristas, tendo em vista que ao ser a capital do país esta deveria servir de símbolo e exemplo, expressando todo o ideário de um Brasil que precisava se mostrar ao mundo de maneira moderna, evoluída, organizada.

No término do século XIX e início do século XX surgiu o movimento higienista no qual tinha a proposta de cuidar da população, educando-a e ensinando-a novos hábitos civilizados. Desse movimento participaram vários intelectuais que tinham em comum a vontade de melhorar as condições de saúde do povo brasileiro. No Brasil, a preocupação com os cuidados da infância, especificamente, já vem desde o século XIX, quando médicos, juristas e demais profissionais, que faziam parte da elite pensante da época, motivados por um sentimento de civilizar o país irão produzir um conjunto de discursos de cunho reformista com o intuito de formar uma sociedade forte capaz de contribuir para o desenvolvimento da Nação.

<sup>9</sup> Sobre o pensamento eugênico, consultar o Stepan, Nancy, *A Hora da Eugenia raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2005.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 29.



A criança era outro alvo importante para o movimento higienista. Como afirmavam, a infância é a idade de ouro para a higiene mental. Na família, assim como na escola, a criança passa a ser o campo de ação mais promissor dos higienistas, que não se preocupavam mais somente com a saúde física, mas também com a saúde mental. Recomendavam um acompanhamento cuidadoso na fase da infância, por ser esse o momento da formação do psiquismo, o momento em que se estruturaria a personalidade. Essa fase era ideal para se instalarem hábitos sadios no psiquismo da criança, evitando-se, assim, o surgimento de personalidades desequilibradas. Os discursos higienistas e eugênicos estarão presentes não somente no seio familiar, refletidos nos cuidados que as mães deveriam ter para com seus filhos, mas também se materializarão no âmbito escolar que passou ser visualizado como um local em potencial para a intervenção de médicos e higienistas, que buscavam difundir suas propostas e métodos para a melhoria da sociedade.

As preocupações com a infância – nascimento, lactação, banhos, asseio corporal, vestuário, com a vida doméstica, saúde e papel social da mulher, limpeza, prevenção de doenças e vícios como o álcool e o jogo – e com o espaço público – urbanização, ordem, combate à propagação de moléstias e epidemias – formam um conjunto nada desprezível sobre o que pode ser caracterizado como moderno e modernizador. Muitos dos higienistas diziam, com insistência, que o atraso do Brasil com relação à Europa era por causa da falta de saúde e educação. Explicavam a situação miserável do Brasil com base nos fatores sociais e afirmavam que se tivessem ajuda financeira do Estado desempenhariam o papel de modernizadores brasileiros. Tomaram o primeiro passo criticando a situação de abandono e negando a inferioridade biológico-racial do povo<sup>11</sup>.

Segundo Gondra<sup>12</sup>, no Brasil do século XIX e início do século XX, o tratamento dispensado à infância pobre pelas autoridades, busca formular, a partir dos conhecimentos da medicina, um programa de atendimento às crianças desamparadas. Idealizava-se a criação de um lugar para internação destas, uma espécie de hospício no qual a criança pobre seria resguardada, protegida e educada, levando-se em consideração princípios filantrópicos e higiênicos, em que a “[...] ação do Estado, dos homens da ciência e da fé cristã se consorciavam, objetivando dirigir o ‘destino dos infelizes’”<sup>13</sup>.

Nesse contexto, de acordo com Rizzini<sup>14</sup>, a medicina higienista com suas ramificações de cunho psicológico e pedagógico atuará no âmbito doméstico, exercendo a eficaz tarefa de educar as famílias para que estas passassem a vigiar seus filhos. E no caso das crianças que não pudessem ser criadas por famílias consideradas incapazes de educá-las ficariam sob a tutela do Estado. Sendo assim, a criança tida como representante do futuro da Nação, seria retirada de seu meio considerado enfermo se tornando um sujeito produtivo para a sociedade.

O crescente movimento pela renovação pedagógica oferecia o esteio propício para que, pela via da biologia, da psicologia e da antropologia, principalmente, a higiene como corpo doutrinário ganhasse espaço no âmbito escolar. Daí as iniciativas em torno da sua implantação nas Escolas Normais, nas quais podemos localizar temas ou disciplinas tais como a própria Higiene, a Puericultura/ Paidologia, Trabalhos Manuais, Prendas Domésticas, entre outras.

No término do século XIX e início do século XX surgiu o movimento higienista no qual tinha a proposta de cuidar da população, educando-a e ensinando-a novos hábitos. Desse movimento participaram vários intelectuais que tinham em comum a vontade de melhorar as condições de saúde do povo brasileiro.

Importante destacar que a Liga Brasileira de

<sup>11</sup> Fernandes, Priscila Dantas e Oliveira, Kécia Karine S. de. Movimento higienista e o atendimento à criança. Disponível em: <https://simposioregionalvozesalternativas.files.wordpress.com/2012/11/priscila-movimento-higienista-e-o-atendimento-c3a0-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 03/01/2016.

<sup>12</sup> Gondra, J. G., *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro, Eduerj, 2004.

<sup>13</sup> Ibid., 307.

<sup>14</sup> Rizzini, Irene, *O Século Perdido. Raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. São Paulo, Cortez, 2011.

Higiene Mental foi fundada em 1923 por iniciativa do médico Gustavo Riedel. Por força do Decreto 4778 de 27/12/1923 foi reconhecida de utilidade pública, passando a receber uma subvenção para o desempenho de suas atividades. Um de seus objetivos era a “realização de um programa de Higiene Mental e de Eugenia no domínio das atividades individuais, escolares, profissionais e sociais LBHM<sup>15</sup>. Dela faziam parte importantes médicos (em sua maioria), juristas, educadores, alguns ocupavam cargos políticos.

Em 1923, no I Congresso Brasileiro de Higiene, os principais articuladores do movimento da higiene social tomaram para si a tarefa de proteger higienicamente a coletividade, *em nome da ordem, e contra a anarquia do liberalismo, dos ideais igualitários, da promiscuidade e decadência urbanas*. Considerou sua atribuição a criação dos hábitos sadios, o combate às “taras sociais” e a realização das grandes aspirações sanitárias do Estado: a robustez do indivíduo e a virtude da raça. Segundo a concepção higienista, não era possível fazer uma grande nação com uma raça inferior, eivada pela mestiçagem, como eram os brasileiros.

Os médicos higienistas tinham a responsabilidade de cuidar da saúde e da higiene do indivíduo, pois acreditavam que grande parte dos problemas da nação estava relacionada a questões sanitárias e de hábitos culturais que prejudicavam a saúde principalmente das crianças. Dedicados à tarefa social de regeneração física e moral das crianças e alarmados com a elevada taxa de mortalidade infantil, os médicos sanitários procuram soluções para formar os futuros cidadãos. Para eles, só com o apoio da medicina o Brasil poderia enfrentar tais problemas e produziria um maior número de pessoas sadias no futuro.

### 3. AS INFLUÊNCIAS HIGIENISTAS E A REGENERAÇÃO DO CORPO

“É desde a primeira infância que a educação física bem compreendida deve começar a sua obra de preparar gerações sãs e fortes”  
José Veríssimo

<sup>15</sup> LBHM. “Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental”. *Archivos brasileiros de higiene mental*. Rio de Janeiro. Ano 1. n. 1. (1925a), 223.

Intenciona-se nesta seção, a análise do capítulo IV a Educação Física, para tentar evidenciar como José Veríssimo percebia a educação física e sua importância para a formação do homem, principalmente quando criança ainda. Analisando este capítulo, o autor começa por chamar Herbert Spencer para fazer, por meio de uma citação, a crítica ao fato de que apenas no final daquele século se começava a falar de educação física no Brasil, quando na Europa isto já acontecia desde o início daquele século.

Outros aspectos ressaltados por José Veríssimo neste capítulo são: a questão da psicologia científica como base para uma educação e educação física, a observação de que os exercícios deveriam ser selecionados, idade da segunda infância como ideal para serem iniciados, a dificuldade de implementar um sistema de educação física, pois as pessoas instruídas estavam envolvidas com outras atividades e costumes não aceitando exercícios físicos.

Como a educação nacional era essencialmente uma “re-educação” dos costumes, e isso implicava em redefinir os desejos da corporeidade brasileira através de seus hábitos motores, Veríssimo sinalizava a necessidade premente de introduzir a educação física nas escolas e principalmente nos costumes populares, não para valorizá-los, mas para corrigi-los. A Educação Física precisava corrigir o que “enfraquece a nossa raça”, diz Veríssimo, tais como: o “erotismo prematuro”, a “falta de higiene”, a “privação de atividade e preguiça para o trabalho”<sup>16</sup>. Uma Educação Física capaz de ser “remédio” para todas essas “doenças” que enfraquecem o povo brasileiro não poderia ser qualquer Educação Física, mas uma que abrangesse a Higiene.

Neste sentido, percebe-se que a concepção de educação física presente em José Veríssimo é aquela que pensava uma educação do físico, representada em um corpo forte e saudável, cujo propósito era servir à construção de uma sociedade moderna e civilizada. Para o autor, “a educação física, pois, deve tomar o homem criança ainda, no berço, e, através da primeira e da segunda infância, da adolescência e da mo-

<sup>16</sup> Veríssimo, José. *op. cit.*, p.91

cidade, levá-lo à virilidade, que lhe cabe fazer rija e valente”<sup>17</sup>.

Veríssimo destaca o papel importante das escravas/ mucamas na educação física das crianças, pois eram elas que superintendiam na alimentação, nos passos, no vestuário e nos demais atos da vida infantil. Estes hábitos exigem corrigidos e modificados de acordo com os ensinamentos da higiene e pedagogia infantil. Baseada na “Psicologia Científica”, a Educação Física “Higiênica” para a infância rejeitava o serviço amoroso e afeiçoado da mucama que educava, segundo Veríssimo, para a moleza e indolência e propunha preparar, desde os primeiros anos, um corpo saudável, forte e, sobretudo útil para as atividades físicas que exigiam “maior soma de robustez, de força e de saúde: o comércio, a indústria, os ofícios, a lavoura”<sup>18</sup>.

Assim, a Educação Física para Veríssimo era higiênica, não porque utilizava os exercícios respiratórios suecos, mas porque redefinia o corpo, baseado em princípios fisiológicos, para torná-lo “civilizado”. Isto quer dizer uma educação contrária aos padrões de cultura corporal negra, feudal e oligárquica, e definida segundo os padrões ascéticos do “bom animal”, robusto e saudável para ser útil à indústria, pois “nas lutas industriais, também, a vitória depende do vigor físico dos produtores”<sup>19</sup>. Em fins do século XIX e princípio do século XX, a educação física adquire contornos higienistas e passa a ser tratada pelo poder público e por educadores como agente de saneamento público, na busca de uma sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios que deterioravam a saúde, o caráter e a moral do homem. Gonçalves Junior e Ramos observam que:

“No caso da concepção higienista, o tema saúde estava em primeiro lugar. Para tal tendência, era fundamental a formação de homens e mulheres fortes e sadios, ou seja, ela protagoniza um projeto de “asepsia social” ligado ao pensamento liberal predominante do século XIX, que acreditava na educação como redentora da humanidade. Assim, vislumbra-se a possibilidade de resolver o problema da saúde pública pela educação

e pela educação física, independentemente das determinações dadas pelas condições materiais”<sup>20</sup>.

O anseio de higienização social passava pela educação do corpo no âmbito escolar, na forma de exercícios físicos, ginástica, canto, jogos e conhecimentos sobre o corpo e o seu funcionamento. Nas ideias reveladas por Paiva<sup>21</sup>, pode-se afirmar que alguns desses saberes sociais contribuiriam para o engendramento do campo da educação física como área de conhecimento, no Brasil, desde a metade do séc. XIX.

A higiene como parte do projeto de educação do corpo dos escolares não se restringia a esse conjunto de práticas e saberes que se tornariam lentamente o que conhecemos hoje como a disciplina Educação Física. Também no Brasil esse movimento se fez sentir. Inicialmente de forma parcelar no séc. XIX, dada a incipiente disseminação da escola neste país<sup>22</sup>.

Gondra destaca que um corpo modelado é um corpo higienizado e revela que, muitos médicos em processo final de sua formação transformaram o corpo do escolar e as práticas escolares em objetos de estudos, entre eles destacou-se o jovem médico Francisco Antonio Gomes em 1852. Assim, Gondra revela que,

“A questão do corpo, do movimento, dos exercícios ou da ginástica é uma preocupação que ocupa lugar privilegiado na agenda médica fazendo com que, ao tratar da educação escolar, também incluía esse tema como um dos aspectos a ser observado no rol de recomendações por eles estabelecidas, de modo a produzir um colégio, alunos,

<sup>20</sup> Gonçalves Junior & L, Ramos, G. N. S., *A educação física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal*. São Carlos, EdUFSCar, 2005, 7.

<sup>21</sup> Paiva, F.S.L., *Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da educação física no Brasil*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. Mimeo.

<sup>22</sup> Gondra, J. G., “Medicina, Higiene e Educação Escolar”, in Lopes, Eliane Marta Teixeira, Faria Filho, Luciano Mendes de, Veiga, Cynthia Greive (orgs). *500 anos de educação no Brasil*, 4 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

<sup>17</sup> Ibid., 83.

<sup>18</sup> Ibid., 91.

<sup>19</sup> Ibid., 82.



alunas, professores e mestres higienizados”<sup>23</sup>.

Ao caracterizar a educação da infância como tempo do repouso para o cérebro e de exercício para os músculos, ele complementa a codificação do tempo escolar, invadindo os recreios, indicando os exercícios que deveriam ser privilegiados nessa ocasião: a música, o canto e a dança. A primeira porque "desenvolve e regula as aptidões do órgão da audição"; o segundo porque "põe em ação os órgãos respiratórios, comunica-lhes a força, e engrandece o peito" e a dança porque "além de desenvolver, como já dissemos os membros inferiores, imprime ao corpo movimentos regulares e regula a cadência”<sup>24</sup>.

A escola tornava-se naquele contexto um lugar de disseminação das pretensões quanto ao progresso da nação e a civilização da sociedade, visto que era na criança que se identificava o meio mais proveitoso de se inculcar novos hábitos e costumes. A escola, como local de ensino também da higiene, deveria estar orientada para a defesa social contra as patologias, a pobreza e o vício, que se alastravam pelo país. Os higienistas pretendiam ter na escola alunos amáveis, conscientes do seu dever, para uma comunhão social equilibrada.

A importância da escola e da educação para a higienização social era tida como fundamental, pois elas não estariam mais somente a serviço da transmissão dos conhecimentos e da cultura. Os higienistas se questionavam se valiam os esforços dispendidos na alfabetização de uma grande massa de débeis mentais e desequilibrados. Julgavam que o progresso e a riqueza de uma nação dependia, também, do equilíbrio mental do seu povo.

O aluno era o objeto por excelência da higiene mental, sendo que na fase pré-escolar seria mais fácil os professores passarem hábitos saudáveis a eles. Além disso, a escola era considerada um lugar onde se encontra todo tipo de anormalidade, como os “alunos-problemas”, os “alunos com dificuldade de aprendizagem”, os “alunos lerdinhos”. Na fase pré-escolar o aluno estava formando sua personalidade, e qualquer

desvio nessa fase o tornaria um adulto inabilitado socialmente.

O higienismo largamente difundido pelos médicos, de influência direta do positivismo irá trazer a ginástica, entre outras medidas, como estratégia para modelar e disciplinar o físico das classes dominantes fosse no campo ou na cidade, objetivando a saúde, por meio de todo um conjunto de procedimentos e para toda a família. A temática da infância abriu as portas para esses especialistas (os médicos higienistas) por meio de três pontos principais: a elevada taxa de mortalidade infantil, o problema do menor abandonado e a necessidade do médico na medicalização da família. O poder médico defendeu a preservação da saúde (higienização) na cultura popular – mudança dos hábitos diários do trabalhador e de sua família, principalmente na criança e no recém-nascido.

#### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, tivemos a intenção de apresentar o pensamento higienista de educação em José Veríssimo, especificamente no capítulo IV que discorre sobre a importância da Educação física na formação do homem, bem como contextualizar a origem do higienismo no Brasil e sua relação com os projetos de Educação Nacional. O higienismo é uma corrente de pensamento que emerge no final do século XIX e que prevalece até meados de 1950, trazendo um discurso sobre o equilíbrio das dimensões do indivíduo, tanto físico, intelectual e moral. Tem como principal objetivo educar para a saúde, com a finalidade de aumentar a expectativa de vida, através de melhores condições humanas. A criança era outro alvo importante para o movimento higienista. Como afirmavam, a infância é a idade de ouro para a higiene mental.

Nos congressos realizados traziam a escola como um local privilegiado para a divulgação de um modelo de boa educação higiênica, pois tinham em mente que enquanto as crianças continuassem convivendo com os vícios dos pais este mal continuaria a se reproduzir. Assim, para combater o problema era preciso reprimir os supostos hábitos de não-trabalho dos adultos como também cuidar da educação dos menores.

<sup>23</sup> Ibid., 534.

<sup>24</sup> Gomes, apud Gondra Id., 536.

De acordo com Veríssimo, a incorporação da disciplina, da higiene e de exercícios físicos no currículo escolar tem como base uma teoria científica (Higienismo) que instituiu a higiene como característica de civilidade, para tanto desenvolveu uma série de medida de intervenção do corpo do homem moderno. Como a educação nacional era essencialmente uma “re-educação” dos costumes, e isso implicava em redefinir os desejos da corporeidade brasileira através de seus hábitos motores, Veríssimo sinalizava a necessidade premente de introduzir a educação física nas escolas e principalmente nos costumes populares, não para valorizá-los, mas para corrigi-los. É desde a primeira infância que a educação física bem compreendida deve começar a sua obra de preparar gerações sãs e fortes.

A partir disso, os higienistas debatiam projetos para a construção de escolas e ofereciam sugestões principalmente para área da educação infantil. A escola tornava-se naquele contexto um lugar de disseminação das pretensões quanto ao progresso da nação e a civilização da sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

Ariés, P. (2006), *História social da criança e da família*. (2 ed.) Rio de Janeiro, LTC.

Fernandes, Priscila Dantas e Oliveira, Kécia Karine S. de. Movimento higienista e o atendimento à criança. Disponível em: <https://simposioregionalvozesalternativas.files.wordpress.com/2012/11/priscila-movimento-higienista-e-o-atendimento-c3a0-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 03/01/2016.

Gonçalves Junior, L & Ramos, G. N. S. (2005), *A educação física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal*. São Carlos, EdUFSCar.

Gondra, J. G. (2004), *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro, EdUERJ.

Gondra, J. G. (2010), “Medicina, higiene e educação escolar”, in *500 anos de educação no Brasil* organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga, 4 ed. – Belo Horizonte, Autêntica.

LBHM. *Estatutos da Liga Brasileira de Hygiene Mental*. Archivos brasileiros de hygiene mental. Rio de Janeiro. ano 1. n. 1. 1925a, 223-234.

Paiva, F. S. L. (2003) *Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da educação física no Brasil*. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.

Rizzini, Irene (2011), *O Século Perdido. Raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. São Paulo, Cortez.

Stepan, Nancy Leys (2005), “A hora da eugenia”. *Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.

Veríssimo, José (1985), *A educação nacional*. (3 ed.). Porto Alegre, Mercado Aberto.